Vergonha assumida

A recuperação do abusador depende, antes de tudo, de ele admitir sua atitude como errada. E essa postura é incomum. O pedófilo, muitas vezes, defende sua atração por criança como algo natural. "Esse agressor, apesar de viver numa perversão, não admite ter problema", explica Graça Pizá, diretora da Clínica Psicanalítica da Violência, no Rio de Janeiro.

Para entrar num processo de cura, o autor da violência precisa se incomodar com o ato. "Se ele tem questionamentos e angústias em relação ao que fez, a chance de recuperação é maior", diz a psicanalista Paula Mancini Mello Ribeiro, presidente do Núcleo de Atenção à Violência (NAV), ONG ligada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desde 1996, a equipe do NAV recebeu cerca de 700 casos de violência contra criança e adolescente — 19% do total de atendimentos foi a autores da agressão. Quase metade dos casos era de abuso sexual.

"O desejo por crianças é um vício semelhante ao do alcoolismo", avalia a psicoterapeuta Tereza Vecina, do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo. "O tratamento pode acontecer na medida em que se quebra o tabu da impossibilidade de controle dessa adição", defende Tereza.

A terapeuta de família Vera Rodrigues atende 39 famílias envolvidas em casos de abuso sexual numa comunidade pobre de Porto Alegre. Além de tratar as crianças, a especialista oferece tratamento aos abusadores — em geral pais, irmãos ou padrastos — que estão à espera de julgamento.

Para Vera, o segredo do tratamento está em incentivar o agressor a identificar em que momento fica vulnerável a cometer o abuso. "Alguns precisam ficar longe da bebida, outros aprendem a sair da sala ou da cama quando estão sozinhos com a criança. São estratégias de autocontrole simples e que dão certo", explica a especialista.

Para Vera, a aceitação do tratamento por parte do abusador deve ser levada em conta no julgamento. Caso contrário, o agressor pode retomar a prática do abuso de uma forma ainda mais violenta. A maior parte dos presídios brasileiros não conta com apoio médico e psicológico para os detentos.

Os autores de crimes sexuais, sobretudo os cometidos contra crianças e adolescentes, são vistos como párias pelo "código de ética" dos presos. Dentro do sistema carcerário, é comum que esses presos peçam o chamado "seguro de vida" à direção do presídio com medo da execução.

COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o governo pedindo prioridade para o combate à exploração sexual. As formas mais comuns desse crime são o turismo sexual, a pornografia na Internet, a pedofilia e a chamada "prostituição infantil". Leia a seguir, as principais medidas do governo federal nessa área:

- Foi criado um núcleo no Ministério da Justiça para coordenar os programas do governo.
- O TV Escola do Ministério da Educação treinará professores da rede pública para tratar das questões relacionadas com a sexualidade.
- As Delegacias Regionais do Trabalho passarão a atuar com as polícias Federal, Rodoviária Federal, Civil e Militar na fiscalização.
- A Polícia Federal receberá capacitação para lidar com as vítimas. Os cursos serão dados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública.
- Os agentes do Saúde da Família receberão treinamento do Conselho Tutelar.
- Os programas do Ministério dos Esportes serão integrados à rede de atendimento. Projetos como o Navegar, que oferece aulas de canoagem, têm um efeito importante na recuperação da auto-estima.

FERIDA SEMPRE ABERTA

No presente, o abuso destrói a infância. Transforma uma criança num pequeno adulto, com desejos inapropriados para sua idade. No futuro, o abuso é uma ferida que não cicatriza. O passado insiste em fazer-se presente. "Violência, uma vez cometida, nunca é esquecida. É possível minimizar seus efeitos", explica Marlene Vaz, socióloga baiana e estudiosa do tema abuso sexual há 20 anos.

Um acompanhamento médico e psicológico faz diferença na construção de uma vida normal para meninas e meninos que viveram uma violência sexual. É possível driblar os traumas. Porém, a ânsia por proteger os menores, para as vítimas de abuso que conseguem reconstruir suas vidas, torna-se uma obsessão.

Ser, finalmente, ouvida é o primeiro passo para escapar do universo de violência. Quanto mais cedo a criança descobrir que não é a culpada e a sedutora naquela relação, menores serão as seqüelas levadas para a vida adulta.

O acompanhamento profissional precoce funciona como um redutor de traumas. "A criança, quando tratada, torna-se sujeito de suas ações, aprende a dizer não e, desde cedo, consegue viver a infância como ela deve ser", avalia Graça Pizá, também pesquisadora do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

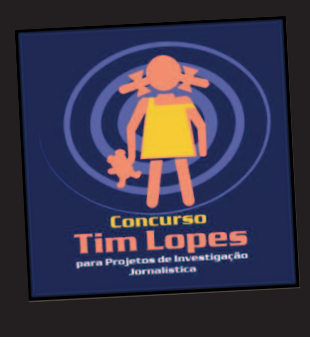
Não há no Brasil estatística de quantas vítimas de violência recebem o privilégio do acompanhamento. Tampouco existe levantamento sobre a freqüência da prática de abuso. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), ONG que firmou-se com a principal no país para receber denúncias de violência sexual registrava cerca de 220 ligações por dia. Muitos desses casos não andavam por inconsistência da denúncia, desinteresse da família ou por entraves nos processos de investigação e julgamento. Tais crianças continuaram disponíveis ao desejo de seus abusadores e desprovidas da esperança de recuperar a vida e o direito de ser, simplesmente, criança.

HENRIQUE, 37 ANOS: VIOLENTADO NA INFÂNCIA, ABUSOU DA ENTEADA

"Se eu fizer de novo, destruo a minha vida"

Cresci na Zona Leste de São Paulo. A primeira vez que eu fui abusado foi por um vizinho. Ele me levou para o meio do mato, me agarrou, tirou minha roupa, me violentou. Eu tinha uns 6 anos. Todo mundo ficou me chamando de mariquinha depois. Alguns anos depois, eu tinha acabado de me mudar, estava com uns 8 anos. Passando perto de uma construção, o segurança me chamou para ver uma coisa lá dentro e me violentou. Uma outra vez, um vizinho da frente de casa nos chamava para ouvir música na casa dele, e colocava a gente no colo, dava presentes, mas não passou disso. Ele tentou me agarrar, mas eu já era maior, tinha 12 anos, e me desvencilhei. Esse tipo de coisa, a gente tende a deixar quieto. Mas elas fazem muito efeito depois, nos relacionamentos. Eu sempre tive uma necessidade muito grande de me exibir. Durante o meu primeiro casamento, eu andava nu pelo prédio onde morava. Casei com 21 anos. Eu fazia alguns michês para comprar drogas e ela era minha cliente. Como ela tinha boas condições, disse que me bancava se eu casasse com ela. Topei. A gente usava droga para fazer sexo. Fomos presos três vezes roubando. Ela era cleptomaníaca. Eu tive minha primeira overdose com 18 anos numa festa. Foram três graves, com parada, hospital e tal, que eu me lembre. Trabalhei em rádio durante muito tempo, eu era radialista. Eu sempre tive um comportamento muito promíscuo. Se uma ouvinte gostasse da minha voz, eu ia passar a noite na casa dela sem pensar em nada. Quando eu me casei pela segunda vez, tinha 25 anos. Ela é uma mulher que tem um apetite sexual que não dá para segurar. Pelo comportamento dela, eu tenho plena convicção de que também sofreu abuso. Ela tinha quatro filhos, um de cada homem diferente. Eram três meninas e um menino. Foi com eles que tudo aconteceu. Eu lutei contra o meu desejo por crianças por um tempão. Me trancava no banheiro chorando. Eu me sentia culpado. O que eu queria, num primeiro momento, era ser pai. Eu estava alcoolizado, mas não é desculpa. O álcool só libertou uma vontade que eu já tinha. Deu coragem. Quem sofreu o abuso mesmo foi a Carla, que tinha uns seis anos. Eu tinha 28. Aconteceu por uns cinco meses direto. Nunca transei com ela, mas eu bolinava e mexia na intimidade dela. No começo, sei que eu fazia quando bebia. Depois, não sei mais. Não sei se era a adrenalina. Eu acho que ela achava normal. Ela gostava. Depois de um tempo, começou a pedir para eu brincar mais com ela. Fui denunciado pelas tias das crianças. A Carla estava conversando com as irmãs sobre o que acontecia com ela. As tias ouviram a conversa. Quando eu soube que tinha que ir à delegacia, pensei que havia chegado a hora de acabar com aquela palhaçada. Eu já me dava como morto, ia ser preso e um abraço. Eu fui com vontade de ser preso e de morrer. Mas, quando cheguei lá, neguei o tempo inteiro. Antes de ir para a delegacia, conversei com as crianças para pedir desculpas, para dizer que eu ia ser preso, morrer, mas que a culpa não era delas. Pedi que ainda me amassem. Como pai. No mesmo período em que rolava a investigação para eu ser preso havia um processo, movido pela minha mulher e pelas crianças, para eu ser o pai adotivo delas. O processo que continuou foi o de atentado violento ao pudor. Depois de muito tempo, abri o jogo com a psicóloga do juiz. Eles me mandaram para um tratamento, mas o juiz determinou que eu nunca mais poderia ver as crianças. Aquilo foi a morte para mim. Eu sabia que elas iam perder a única referência de pai que poderiam ter na vida. Tenho hoje 37 anos. Estou em tratamento há sete anos. Eu não sei por que cargas d'água o juiz e o promotor me deram a benção de não ser preso. Foi o tratamento que me permitiu colocar a vida nos eixos. Hoje eu estou casado novamente. Tenho uma mulher maravilhosa, que sabe de tudo, e um filho de um ano de três meses. Sei que eu não estou curado. Eu tenho um descontrole que me leva a isso. Mas eu não bebo nem uso mais drogas, não me permito mais passar do limite. O que me pára mesmo é a conseqüência. Hoje, eu tenho muito a perder. Se eu fizer de novo, destruo minha vida, e das pessoas que me amam, principalmente a do meu filho.

HENRIQUE, 37 ANOS, MORA EM SÃO PAULO E TRABALHA EM PROJETOS DE SOLIDARIEDADE, ESPECIALMENTE OS QUE TRATAM DE ALCOOLISMO



O PROJETO QUE DEU ORIGEM A ESTA REPORTAGEM FOI O VENCEDOR DA CATEGORIA JORNAL DO CONCURSO TIM LOPES PARA PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA, REALIZADO PELA ANDI E INSTITUTO WCF BRASIL, COM APOIO DA FENAJ E DO UNICEF

DIRETOR DE REDAÇÃO: JOSEMAR GIMENEZ // REDATORA-CHEFE: ANA DUBEUX // EDITOR-EXECUTIVO: CARLOS MARCELO // EDITORA: MARIA CLARICE DIAS // EDITOR DE ARTE: FABIO SALES // EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA: LUIZ TAJES